



Onze Horas de Espera: A Violência Silenciosa do Estado Falhado

Publicado em 2026-01-07 21:33:41



BOX DE FACTOS

- **Local:** Hospital de Évora.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

vistas por um médico.

- **Classificação:** Casos triados como “urgentes” e “muito urgentes”.
- **Tradução simples:** Pessoas com dor, risco e medo deixadas em fila por um Estado ausente.

Onze Horas de Espera: A Violência Silenciosa do Estado Falhado

Quando um doente urgente espera onze horas por observação, não é uma falha de serviço. É uma falência moral. O Estado não atrasou: abandonou.

Onze horas. Repitamos devagar, para que não se esconda na estatística: **onze horas**. Não é uma espera. É um castigo. Não é uma fila. É uma prova de resistência imposta a quem já chega em fragilidade. Não é um atraso. É **violência por omissão**.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

agradece-se no fim.

O tempo, na urgência, é uma arma

Há uma verdade que o poder gosta de ignorar: **o tempo, em medicina, mata**. Cada hora a mais é um agravamento possível, uma dor prolongada, uma ansiedade multiplicada. E quando o Estado obriga alguém a esperar onze horas, está a dizer-lhe isto, com frieza administrativa: “a tua dor não é prioridade”.

Não é falta de meios. É falta de estrutura, de planeamento, de responsabilidade e, sobretudo, de respeito. Porque meios houve sempre para bancos, empresas, resgates, consultores, assessores e nomeações políticas. Mas para a urgência hospitalar... pede-se compreensão.

A crueldade burocrática

A pior face deste colapso é a linguagem que o acompanha. Fala-se em “picos de procura”, “constrangimentos”, “momentos difíceis”, “pressão sazonal”. Como se as pessoas fossem marés. Como se a dor fosse meteorologia.

Um idoso com dificuldades respiratórias não é um “pico”. Uma mulher em sofrimento não é um “fluxo”. Uma criança

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O Estado português é curioso: aparece sempre para cobrar, para taxar, para multar, para executar. Mas quando é chamado a proteger, a cuidar, a acudir... entra em modo de manutenção.

Há algo de profundamente perverso num sistema que: **é rápido para penhorar e lento para tratar, é eficiente a cobrar e incompetente a cuidar, é implacável com o fraco e indulgente com o sistema.**

Isto não é má gestão. Isto é um modelo. Um modelo onde o cidadão é útil como contribuinte e descartável como paciente.

A pedagogia da humilhação

O que se aprende com onze horas de espera? Aprende-se que reclamar é inútil. Aprende-se que adoecer é um incómodo. Aprende-se que o Estado não está lá quando mais se precisa.

E depois perguntam-se porque as pessoas desconfiam, porque recorrem ao privado, porque emigram, porque se revoltam em silêncio. Não é ingratidão. É memória.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

que se foi afastando da sua função essencial: **proteger quem está frágil.**

Um país que aceita onze horas de espera para doentes urgentes não está em crise. Está em decadência. Porque quando a dor deixa de ser prioridade, tudo o resto é cosmética.

A verdadeira emergência em Portugal não é médica. É ética.

OUTROS CASOS NAS NOTÍCIAS (ÚLTIMOS 3 DIAS)

Não é “um episódio”. É um padrão: o tempo de espera tornou-se a forma moderna de violência institucional.

- **06 Jan 2026 — Hospital de Faro:** doentes triados como “urgentes” com esperas reportadas na ordem das **~18 horas. Amadora-Sintra** com referência a **~11 horas. Torres Vedras, Vila Franca e Beatriz Ângelo** também com **~9 horas** (segundo dados do portal do SNS citados na peça). [\[fonte\]](#)

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

base no portal do SNS). [fonte]

• 04 Jan 2026 — Panorama nacional (urgências):

notícias referem centenas de doentes em espera para primeira observação e tempos médios elevados para “urgentes”, com maior pressão em Lisboa e Vale do Tejo (com base em dados do portal do SNS). [fonte]

Nota editorial: estas referências são de notícias publicadas nos últimos dias e baseiam-se, em geral, nos tempos apresentados no **Portal do SNS** no momento da recolha jornalística. Em cenários reais, os tempos oscilam ao longo do dia — mas a repetição do padrão é o facto político.

Francisco Gonçalves

Fragmentos do Caos

Crónica crítica — Co-autoria editorial: Augustus Veritas

[leia]



Fragmentos do Caos: [Blogue](#) • [Ebooks](#) • [Carrossel](#)

👁 Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)